

PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FEMININA NO MUNICÍPIO DE PAULO AFONSO-BAHIA.

Ada Mônica Santos Brito

Professora da UNEB

Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior

E-mail: adamonicasantos@yahoo.com.br

Jamile Silva Silveira

Professora da UNEB

Mestre em História Social

E-mail: jamissil@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como se deu a prática educativa feminina no município de Paulo Afonso, localizado no Estado da Bahia, no período de 1957-1997. Utiliza como metodologia a História Oral e como instrumento a entrevista com duas alunas do Núcleo da Universidade Aberta à Terceira Idade-UATI, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Para elaboração teórica foi utilizado a leitura dos autores: Conceição (2017), Câmara (2007), Freitas (2008), Martires (2016), Malta (2014), Nascimento (2007), Santana (2017), Santos (2013) Reis e Brito (2012), Thompson (1992). Teve como resultado a compreensão de que a prática educativa contribuiu para a ascensão social e profissional das mulheres entrevistadas.

Palavras-chave: Educação feminina. História Oral. História da educação.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar cómo se dio la práctica educativa femenina en el municipio de Paulo Afonso, situado en el Estado de Bahía, en el período de 1957-1997. Utiliza como metodología la Historia Oral y como instrumento la entrevista con dos alumnas del Núcleo de la Universidad Abierta a la Tercera Edad-UATI, de la Universidad del Estado de Bahía-UNEB. Para la elaboración teórica se utilizó para la lectura de los autores: Conceição (2017), Câmara (2007), Freitas (2008), Martires (2016), Malta (2014), Nascimento (2007), Santana (2017), Santos (2013) y Brito (2012), Thompson (1992). Se tuvo como resultado la comprensión de que la práctica educativa contribuyó al ascenso social y profesional de las mujeres entrevistadas.

Palabras clave: Educación femenina. Historia Oral. Historia de la educación.

1 INTRODUÇÃO

A concepção sobre a mulher na sociedade esteve por muito tempo atrelado à visão de um ser frágil, desprovida de pensamento próprio, incapacitada intelectualmente cuja função na sociedade era gerar filhos, cuidar da casa e da família e ser esposa. A mulher era preparada para o casamento a sua educação estava relacionada às prendas e ofícios do lar. SANTANA, nos diz que: “durante muito tempo a mulher ficou relegada, sem instrução e direitos. Se instruir consistia em erudição, essa não era a perspectiva que a sociedade pensava para ela, aquelas que pudessem estudar em seus domicílios aprendiam, entre letras e números as prenda doméstica” (2017, p.67). Bordar, costurar e dominar os serviços da casa essa era a função que lhe cabia desempenhar e se destacar como mulher para inserir se na sociedade.

SANTANA, (2011, p.17) faz uma releitura do universo feminino retratado por José de Alencar na sua obra Senhora (1997) na passagem do século XIX para XX, a mulher da elite era “preocupada com o refinamento e a educação, dona de virtudes e aptidões desenvolvida numa educação de cunho doméstico: saber tocar piano, cantar e conversar, era habilidades que deveriam ser aprendidas pelas moças”. Diferentemente das moças das camadas social mais baixa, as moças de elite aprendiam a ser refinadas, elegantes e ter aptidões femininas.

As práticas realizadas pelas mulheres nesse período pouco precisavam de educação escolar, pois se restringia as prendas domésticas. Poetas e cantores enalteciam a mulher sem vaidade como retrata a música “Aí que saudades da Amélia” do compositor Ataulfo Alves cujos versos nos dizem: “[...] Aquilo sim é que era mulher; Às vezes passava fome ao meu lado; E achava bonito não ter o que comer; Quando me via contrariado; Dizia: “meu filho, o que se há de fazer”! Amélia não tinha a menor vaidade; Amélia é que era mulher de verdade”. Assim vemos a mulher sendo retratada como bela, porém um ser que não possuía vontade própria e desprovida de capacidade a não serem aquelas circunscritas ao âmbito doméstico.

O tema educação feminina é um tema que apesar de ter raízes no período colonial este ainda vem sendo discutido visto que as abordagens sobre as questões relacionadas á mulher e sobre gênero tem sido tema de debates em Congressos e Encontros de Educação tanto a nível nacional como internacional.

Buscando conhecer sobre o tema foi realizado levantamento no Banco de Dados de Teses e Dissertações da UFS /PPGED, no mês de novembro de 2017, utilizando recurso estratégico

de busca a palavra-chave “prática de educação feminina” com filtro em assunto foi colocada o título: História da Educação e no filtro ano de publicação foi colocada o ano de 2014 a 2017 retornando 14 obras das quais após leitura do título e do resumo ficaram para análise quatro obras as restantes não estavam relacionadas ao tema de estudo.

Quadro 1 - Sistematização da produção acadêmica por objetivos das pesquisas

Tema/Objeto	Objetivo	Autores/Ano
A pedagogia dos impressos femininos, mais especificamente, das fotonovelas.	Pesquisar como leituras de lazer, em especial, de fotonovelas, contribuíram para ensinar, a partir de uma pedagogia específica as leitoras, modos de ser e se comportar, possibilitando lhes representações acerca do mundo em que viviam.	Melo (2015)
A educação feminina nas instituições católicas do Orfanato de São Cristóvão e Escola da Imaculada Conceição.	Analisar a educação transmitida às meninas no Orfanato de São Cristóvão em Sergipe; e 1969 anos que o Orfanato de São Cristóvão sofre a mudança de nomenclatura e passa a chamar se “Lar da Imaculada Conceição”.	Santana (2011)
Trajetória profissional da professora Ofensia Soares Freire e sua formação educacional no colégio Nossa Senhora Sant’Anna e na Escola Normal Rui Barbosa.	Investigar a trajetória profissional da professora Ofensia Soares Freire, destacando sua formação educacional no Colégio Nossa Senhora Sant’Anna e na Escola Normal Rui Barbosa. Analisa também suas práticas educativas no ensino de Língua Portuguesa no Atheneu Sergipense (1941-1996) e como seu envolvimento político refletiu na sua história docente.	Souza (2017)

<p>Trajétoria profissional e intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina, no exercício do seu magistério no Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), bem como a sua produção acadêmica e os espaços culturais de que participou.</p>	<p>Investigar a trajetória de vida de Maria Lígia Madureira Pina, professora, literata e acadêmica, estabelecendo compreensões a respeito das relações entre sua formação intelectual e as práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, bem como a produção dos seus escritos e como esse repertório cultural contribuiu para a sua efetivação na Academia Sergipana de Letras.</p>	<p>Martires (2016)</p>
---	---	------------------------

Fonte: BRITO, Ada Monica Santos, 2017.

Melo (2015), investigando acerca das representações de leituras realizadas como prática pedagógica, por ex-normalistas do Instituto de Educação “Rui Barbosa” (IERB) durante as décadas de 60 e 70 do século XX, observou que às memórias dessas leitoras pouco se revelou sobre as leituras praticadas institucionalmente em contraposição a leitura ilustrativa das revistas e fotonovelas ficaram nas suas memórias. As revistas impressas e fotonovelas surgem no período de crescimento industrial, de ampliação do consumo e maior acessibilidade à informação inserindo se no universo feminino como portadores de uma Pedagogia de valores e de cultura que ira estimular novas formas de comportamento na mulher neste período.

Santana (2011) aborda a educação feminina católica das meninas órfãs no período de 1922 a 1969 no Internato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição em Sergipe cuja educação embora voltada para o currículo formal à ênfase estava nos trabalhos e prenda domestica como preparação para o casamento ou para ser doméstica. A autora utiliza os pressupostos teóricos e metodológico da Nova Historia e Historia Cultural e tem fundamentação teórica nas pesquisas relacionadas a Historia da Educação, Educação feminina e Cultura escolar. Foram utilizados os conceitos de Representação segundo Roger Chartier, História da educação e Material escolar, fontes documentais como livros, depoimentos orais, fotografias e jornais. Destaca se os depoimentos sobre a vida e o cotidiano, sonhos e desejos relatado pelas ex-alunas ex-internas do orfanato através da memória.

Souza (2017) em estudo e pesquisa aborda a trajetória profissional da professora Ofenisia Soares Freire destacando a sua formação educacional no Colégio Nossa Senhora Sant Anna e

na Escola Normal Rui Barbosa. Analisa também suas práticas educativas no ensino de Língua Portuguesa no Atheneu Sergipense no período de 1941 a 1966 e como seu envolvimento político refletiu na sua história docente. A pesquisa ocorreu no campo da História da Educação, com abordagem teórica e metodológica da História Cultural. Possui ainda aspectos biográficos, utilizando fontes documentais e relatos orais, coletados por meio de entrevistas, seguindo os procedimentos da história oral. O autor discute sobre a educação feminina, ensino normal e magistério contextualizado no período histórico, discorre sobre a trajetória de vida da professora Ofensia Soares Freire utilizando conceito de capital pessoal de Bourdieu (2007), conceito de memória em Halbwachs (1990), Hussein (2014).

Martires (2016) aborda sobre a trajetória de vida de Maria Lígia Madureira Pina, professora, literata e acadêmica, estabelecendo compreensões a respeito das relações entre sua formação intelectual e as práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, bem como a produção dos seus escritos e como esse repertório cultural contribuiu para a sua efetivação na Academia Sergipana de Letras. Procede a uma revisão e análises da produção de estudos biográficos de trajetória de vidas que foram produzidos na PP-GED-UFS contribuindo para ampliar conhecimentos sobre o assunto e como fonte para novos objetos de pesquisa

Assim, o estudo aqui apresentado nasce do desejo de conhecer, como ocorreu a educação das mulheres do município de Paulo Afonso? Como deu a inserção dessas mulheres na escola? Como era a escola? Como ocorreu a trajetória profissional delas? Estas foram às perguntas que lançamos com o objetivo de compreender as práticas educativas vividas por essas mulheres protagonistas do seu tempo.

Desse modo o objetivo de investigação se reporta a intenção de querer conhecer como se deu a prática educativa da mulher pauloafonsina. Demarcando como período 1957 a 1977, data em que as entrevistadas ingressaram e concluíram a sua escolarização e iniciaram a profissão de magistério. A pesquisa ocorreu no campo da História da Educação e História Oral, pois conforme THOMPSON (1922 p. 44), “A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o seu campo de ação [...] em suma contribui para formar seres humanos mais completos”. Foi utilizada a entrevista semiestruturada constando de nove perguntas versando sobre o tema proposto. Para a realização da entrevista foi marcado dois encontros. Participaram da entrevista duas mulheres pauloafonsina, com faixa etária

entre 60-70 anos de idade, pertencente à classe social média, e atualmente alunas do Projeto da Terceira Idade- UATI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. O critério de escolha das entrevistadas foi devido à disponibilidade e por terem sido alunas das escolas Reunidas Colégio de Paulo Afonso – COLEPA, escola Modelo da Companhia Hidroelétrica de Paulo Afonso- CHESF implantada para formar os filhos dos funcionários da empresa que não podiam se deslocar para a capital para estudar. Para a identificação das falas das autoras entrevistadas por questões éticas utilizaremos as iniciais de seus nomes assim identificadas (Autora S.) e (Autora A.).

2 A EDUCAÇÃO FEMININA: CONTEXTO HISTÓRICO (1822-1956).

Compreendemos que a história não é linear, os acontecimentos ocorrem no tempo de acordo com os fatores sociais, políticos, econômico, ou seja, a forma como os homens se organizam para enfrentar seus conflitos e de acordo com seus interesses. A educação, inserida na historia esta envolta dos interesses humanos ora avançando ora retroagindo. Nesse contexto colocamos a História da educação feminina. História feita por mulheres que no seu tempo desbravaram os limites de sua condição e buscaram romper obstáculos que lhes eram impostos por uma sociedade regida pelos princípios masculinos. Sem, contudo desconsiderar que muitos avanços na educação feminina ocorreram através da politica realizada por homens da época, que no seu tempo puderam contribuir para a inserção da mulher na educação.

Desse modo nos reportamos no tempo para compreensão do processo de escolarização da mulher. Conforme SANTANA, (2011 p.23-24) “no período Imperial com o Decreto de 15 de outubro de 1827 a Lei da Instrução Primária que institui a criação das primeiras escolas de primeiras letras a mulher passa a ter acesso à escolarização”. O ato do decreto instrui a primeira intenção politica de inserir a mulher no domínio das letras ainda que incipiente na prática as primeiras aulas primárias vão ocorrer na colônia.

Ainda durante o império, a escolarização feminina se dava nos conventos, colégios particulares, asilos para as meninas pobres e desvalidas: órfãs e expostas sem pai, com idade de cinco a treze anos, cuja educação se dava sob a direção de religiosas e com participação de um conselho formado por mulheres da elite. (Câmara In: LOPES FARIA FILHO, FERNANDES, 2007, p. 276-277), tratando sobre as políticas no âmbito jurídico e federal, de proteção e assistência às crianças pobres desvalidas como prevenção contra o crime, em Portugal e no Brasil no período

de 1910 -1920 nos fala que neste período a proposta educativa de ensino para as meninas internas eram as “Oficinas de Costura e Trabalhos de Agulhas; Lavagem de Roupa; Engomagem; Cozinha; Manufatura de Chapéus; Datilografia; Jardinagem, Pomicultura e Criação de Aves” ao saírem da escola estavam prontas para o casamento ou para ser doméstica.

Em 1772, a Reforma Pombalina abre se o mercado de trabalho para as mulheres no magistério público, mas com restrições de boa conduta, autorização do pai, do marido se casada, se viúva certidão de óbito, se separada comprovação de comportamento honrado. Sobre este assunto, NASCIMENTO (2007, p.186) nos diz que “Até os anos de 1930, o magistério foi à única profissão feminina, regulamentada que exigia, entretanto, algum grau de estudo para a mulher de classe média”.

No período Regencial, é criada a primeira escola Normal no Brasil no Rio de Janeiro, esta não incluía mulheres e negros. As mulheres não eram formalmente proibidas de frequentar as escolas primárias da Província, mas a sua exclusão funcionava através da redução do currículo “[...] Deviam aprender apenas a ler, a escrever e as quatro operações [...] precisavam saber coser, bordar e os demais misteres próprio da educação doméstica” (Villela In: ARAUJO; FREITAS; LOPES 2008, p.33). Propício a reforçar a concepção da educação feminina o currículo estava voltado ao ensino dos conteúdos e práticas necessárias á condição da mulher na sociedade deste período.

Os discursos dos médicos higienistas contribuía para a visão da mulher como um ser frágil que precisava de cuidados especiais. Sobre o assunto:

Defendia que o estudo moderado das artes de recreação, ou “belas artes”, era o conteúdo que con-
vinha às meninas e moças, mas somente como meio de [...] adoçar as tristezas, suavizar o aborreci-
mento da solidão, lançar sobre o curso de sua vida doce e agradáveis distrações, de variar em fim os
prazeres distraíndo-as em seus trabalhos. (Conceição, 2017, p. 160- 161 apud MELLO, 1841)

Desse modo o ócio feminino era preenchido com as prendas da arte, dos bordados, da pintura, pois este além de condizer com sua condição frágil afastava seus anseios e desejos de mulher. MALTA, sobre a educação profissional feminina no estado de Sergipe em 1922-1944, revela que:

Voltaram-se as atenções para a formação profissional em áreas consideradas “femininas”, tais como o cuidado com o lar, a fabricação de roupas e enxovais, a realização de remendos em tecidos, a pintura de peças decorativas, a confecção de uniformes e de objetos de enfeite, dentre outros trabalhos manuais. (MALTA, 2014, p. 183)

A educação feminina voltada para as prendas do lar no estado de Sergipe se repetira em todo território nacional cujas práticas se constituíram como as escolhidas e própria para a mulher desempenhar. No período Republicano a escola primária isolada passa por uma redefinição e em todo o país será implantado os Grupos Escolares como estratégia rumo ao processo civilizatório próprio do ideal republicano em busca de legitimar o regime político implantado. Os grupos escolares irão representar as ideias da nova classe política em ascensão fortemente influenciada pelo ideal positivista.

Em relação à educação dos Grupos Escolares no século XX, SANTOS (2009 p. 60), abordando sobre a arquitetura dos grupos escolares no estado de Sergipe no período de 1911-1916, fala nos sobre a educação feminina: “A primeira escola graduada de Sergipe possuía algumas características que a distinguiu das demais. Ela era destinada exclusivamente ao alunado feminino e tinha como corpo docente as alunas da Escola Normal”.

Devido à procura dos homens por profissões como medicina, engenharia entre outras as mulheres começam a ocupar o mercado de trabalho e sua primeira profissionalização vai ocorrer na docência, pois esta condizia com suas características inatas do instinto materno e, portanto, ser professora era uma extensão de ser mãe e dona de casa.

No período que se estende de 1930-1946 o Modelo Desenvolvimentista adotado no Brasil trará mudanças no campo político, econômico e social. Na educação ocorreram mudanças como implantação de Reformas no ensino secundário e superior, criação de normas para o exercício da docência, Movimento dos Novos Pioneiros da Educação, Leis Orgânicas e ampliação dos Direitos da mulher quando esta pela primeira vez exerce seu direito do voto, a mulher passará a ocupar espaços antes a ela negados.

3 PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMININAS: dialogando sobre a educação das mulheres de Paulo Afonso (1957-1997).

THOMPSON contribui para o entendimento da história oral como possibilidade e finalidades sociais e pessoais. “Ela trata de vidas individuais- e todas as vidas são interessantes [...] Ela insuflam vida na história. Com elas se aprende algo mais do que o simples conteúdo” (1992 p. 41). As mulheres do município de Paulo Afonso se inserem nesse contexto da educação feminina, marcada pelos avanços e retrocessos próprio do seu tempo onde a mulher apesar de dócil

e recatada buscava sua independência. As suas falas constituem as suas histórias de vida como mulheres do seu tempo, como alunas, esposas, mães e profissionais.

Ao responderem sobre a educação que receberam de suas mães, retrata em suas falas sobre a educação feminina do seu tempo, a mulher deveria ser recatada, ter boa conduta, pois isso era o que se esperava dela “minha mãe era rígida, exigia comportamento, maneira de sentar-se à mesa, de falar com as pessoas, não podia contar uma piada que era falta de respeito” (Autora A.). “Morei com minha avó ela era rígida, sua palavra sempre era a última, tínhamos muita disciplina” (Autora S.) A educação doméstica que recebiam das suas famílias era proveniente do meio social, seus costumes representavam a sociedade naquele período histórico que viviam.

Abordando sobre a educação da mulher nos séculos XIX e XX, autores afirmam que:

Ela precisaria ser em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educação das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que a sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos. (Rabelo, Costas, Martins, 2013, apud LOURO, 2002, p.447)

Ser educadora neste sentido requeria ser forte e dócil ao mesmo tempo, firme na disciplina e dócil por ser mulher, além disso, muito se esperava dela a responsabilidade da educação dos filhos estava em suas mãos e os “erros” dela eram cobrados.

A prática educativa vivida pela mulher possibilitou a sua ascensão social como profissional através do seu ingresso no ensino Normal e no Magistério pode inserir-se no mercado de trabalho e de forma economicamente ativa, aos poucos a sua imagem foi sendo substituída de mulher frágil e inferior intelectualmente por uma mulher ativa e capaz. Sobre a inserção da mulher no ensino normal e a sua independência financeira FARIAS nos diz que:

As escolas normais constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres. A possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca de realização e independência social e financeira (FARIAS, 2003, p.37).

Dialogando com as mulheres do grupo da UATI- UNEB de Paulo Afonso sobre como ocorreu a educação delas nos diz a (autora S): “Comecei a estudar com uma professora em casa, depois aos sete anos, fui para o Colégio de Paulo Afonso, não fiz admissão, pois tirava notas boas em 1968 ingressei

no magistério e me formei”. Correspondente ao mesmo assunto a (autora A) nos diz que: “estudei no colégio de Paulo Afonso ate a admissão o 5º ano, o ginásio fiz em Pesqueira Pernambuco, estudei o Magistério de 1970 a 1973 em Recife, era uma turma com vinte e duas mulheres”.

Nos anos 70, a expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização configuram um momento de crescimento econômico no país, onde a mulher passara a ocupar mais espaços no mercado de trabalho. A modernização por sua vez trará novos padrões de comportamento e valores relativos ao papel social da mulher intensificada pelo impacto dos movimentos feministas onde a presença feminina se fará cada vez mais atuante. Abordando sobre as sua trajetória profissional a Autora S. nos diz que:

Fiz concurso para professora primaria na CHESF em 1971 dei aula nas escolas reunidas turma mista me afastei por um ano para fazer o curso superior no CETEBA em Artes Praticas Educação para o Lar em Salvador no local que hoje é a UNEB. O curso era de um ano licenciatura Curta, na turma tinham vinte e duas mulheres, nos tínhamos professor homem, mas as aulas práticas eram dadas por mulheres. Queria mesmo era estudar engenharia, mas para isso tinha que estudar o científico. Ao retornar fui ensinar no CETEBA em Educação para o Lar e na CHESF fiquei como professora do ensino Fundamental II e 1º Grau até me aposentar. (Autora S.)

Reis e Brito, aborda que a “intenção existente no currículo do Curso Artes Práticas para o Lar era preparar a mulher urbana, especialmente das camadas médias e dominantes, para assumir a casa, à medida que o marido se dedicava cada vez mais ao trabalho” (REIS E BRITO, 2012, p. 68, apud BASSANEZI, 1997). O curso tinha o seu currículo dividido por área: saúde, puericultura, alimentação, nutrição, embelezamento, habitação e vestuário, administração do Lar e desenho. Em outras palavras, a mulher deveria ser educada para ocupar seu lugar no lar, afinal, ela permanecia como responsável pela felicidade do marido, pela criação dos filhos dentro dos valores morais e cristãos da sociedade brasileira e como guardiã da paz doméstica e do equilíbrio conjugal (REIS E BRITO, 2012, p.68, apud BASSANEZI, 1997). Sobre o mesmo assunto nos diz a Autora A:

Fiz concurso para o estado na CR-6 como auxiliar administrativo e fiquei dois anos. Pedi exoneração porque passei no concurso para professora primaria do estado. Depois tornei a fazer concurso para o 2º Grau e fui trabalhar no Centro Integrado de Paulo Afonso- CIEPA ate aposentar. (Autora A.)

Ingressar na vida pública e ter a profissão de professora na rede de ensino pública ou privada era a forma da mulher ingressar e se afirmar economicamente numa sociedade em que ela se encontrava à margem das forças produtivas. Falando sobre a educação feminina, Freitas afirma:

O magistério além de ser um campo de trabalho socialmente aceito para as mulheres, proporcionava a continuação de estudos, a possibilidade de independência econômica e certa prestígio social, afinal: numa sociedade onde os índices de escolarização eram baixos a professora primária consistia numa profissão de alto prestígio social para a mulher e que lhe permitia certa dignidade no seu modo de vida. (FREITAS, 2013, p.53).

Desse modo a prática educativa do Magistério e do Curso de Artes Práticas: Educação para o Lar permitiu a estas mulheres acenderem socialmente como pessoa, como mulher e como profissionais. Como nos aponta Beauvoir (1980, p.26) “o trabalho como a única via pela qual a mulher seria independente economicamente, mas, sobretudo, a atividade produtiva seria o exercício de criação de sua singularidade para reconquistar sua liberdade de se firmar como sujeito”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas educativas da mulher apesar de terem sido tardias, devido ao seu papel social restrito ao lar, numa época que a escolarização feminina era uma ameaça à família influenciada inicialmente pela Igreja Católica, depois da disseminação da ideologia Positivista na Europa e no Brasil, da mulher recatada e mistificada, foi ao longo do tempo e da História rompendo com a ordem social estabelecida e se fazendo presente nos espaços antes lhes negado.

A sua inserção ao espaço educativo como profissional lhe permitiu sair do anonimato para a vida pública e ascender socialmente não competindo com o homem, mas ocupando os espaços que lhes são de direito por ela conquistado.

REFERENCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: praticas educativas no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da imaculada Conceição**. Aracaju: EDIESE, 2017.

CAMARA, Sonia. Por uma ação preventiva e curativa da infância pobre: os discursos jurídico-educativos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1920-1930. In: LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogerio (orgs.). **Para a compreensão da histórica da infância**. Belo Horizonte: 2007. p.263-281.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. As escolas normais da província: a organização do ensino normal em Sergipe no século XIX. In: ARAUJO, Jose Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES; Antônio de Pádua Carvalho (org.). **As escolas normais no Brasil: do Império a Republica**. Campinas: Editora Alínea, 2008. p. 163-175.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “Vestidas de azul e branco” um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950) São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em Historia da educação NPGED, 2003.

MELO, Sonia Pinto de Albuquerque. **Por uma pedagogia das fotonovelas: instruir e (in) formar leitoras do IERB durante os anos 60 e 70 do século XX**, São Cristóvão, SE: Tese (Doutorado em Educação) da Universidade Federal de Sergipe, 2015.

MARTIRES, Jose Genivaldo. **A trajetória de vida intelectual e profissional da professora Maria Ligia Madureira Pina (1954-1972)**. São Cristóvão, SE: Dissertação (mestrado em Educação) da Universidade Federal de Sergipe, 2016.

MALTA, Marina Oliveira. **Ofício de meninas e meninos: o Instituto Profissional Coelho e Campos (1922-1944)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

NASCIMENTO, Ester Vilas-Boas carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**, Maceió: EDUFAL, 2007.

RABELO, Josiane Oliveira, COSTA, Marta Oliveira. **A educação feminina no Brasil em meados do século XIX e início do século XX**. V. 8, nº 1, 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1195> acessado em 20/11/2017. acessado em: 15/04/2018.

REIS, M^a Liana, BRITO, Marina Gomes de. **Curso de Artes Práticas: Educação para o Lar da Universidade Católica de Minas Gerais: rupturas e permanências na relação mulher, família e ensino na década de 1970**. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/viewFile/P.2237-8871.2012v13n18p64/3870> > acessado em: 15/04/2018.

SANTANA, Josineide Siqueira. **Casa de meninas: pratica educativas no Orfanato de São Cristóvão e na Escola Imaculada Conceição**, Aracaju: EDISE, 2017.

_____. **Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as praticas educacionais no Orfanato de São Cristóvão e na Escola Imaculada Conceição (1922-1964)**, São Cristóvão, SE: Dissertação (Mestrado em Educação) da Universidade Federal de Sergipe, 2011.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da modernidade**: a arquitetura dos grupos escolares Sergipanos (1911- 19260). São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

SOUZA, Renilfran Cardoso de. **“Mestra na essência da palavra”**: trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941-1966), 130 f. São Cristóvão, 2017. Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: historia oral, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.